

O Socorro do Inverno

O SOCORRO do Inverno, este ano, está a despertar em toda a Nação um interessante movimento de simpatia. Não admira. O coração português, modelado na tradição secular da raça que melhor soube compreender os sentimentos cristãos, não permanece nunca inacessível ao sofrimento e à dor. Nas horas mesmas de desvaire, há sempre no mais íntimo das consciências um resto de bondade, que é bem característico da nossa alma nacional. Um José do Telhado, que a tradição apresenta como bandido a assaltar na calada da noite os transeuntes ricos para depois levar os produtos do seu crime ao tugúrio dos pobres, só encontraria clima e absolvição no céu de Portugal. Um acto de bondade, uma atitude de clemência, rasgam estradas de luz na alma simples do povo, e o povo, como manso cordeiro, deixa-se conduzir por aqueles que são bons.

Basta reparar no que sucede nesses bairros miseráveis. O vizinho foi atingido por alguma fatalidade? Logo todos acorrem, juntam as migalhas da sua pobreza, mandam-lhe o pão da sua mesa e a brasa da lareira, com alegria imensa de se poderem sacrificar pelo infeliz companheiro. Conheço tantos casos de famílias paupérrimas acolherem generosamente no seu seio os orfãos da vizinhança, repartindo com eles todos o carinho e o amor de que são capazes, já que pouco ou nada mal podem repartir!

A alma portuguesa tem um fundo de bondade tão pronunciado que não escapa aos espíritos observadores do estrangeiro. E não é lisonja a afirmação de muitos deles de ser o povo português o mais bondoso do mundo. Falta-lhe muitas vezes educação, sentido social de conjunto. Pode ser causticante e duro na crítica, injusto na apreciação, rebelde nas atitudes, indomável, indisciplinado e inconstante. Mas adquire depressa hábitos de disciplina e de encantadora humildade, quando se lhe fala ao coração.

Esta maneira de ser pode constituir — e constitui de facto — um entrave para os grandes movimentos de conjunto, para as fortes realizações sociais, para o levantamento rígido do nível económico e cultural da Nação, porque nem sempre o coração é o melhor conselheiro em qualquer circunstância. Mas se é uma fraqueza, podemos afirmar que é também uma glória, a sua maior glória.

Não admira portanto que um apelo à generosidade do povo renda sempre os ansiados frutos, se a corda sensível da alma nacional por mão hábil de mestre for dedilhada. O raciocínio frio, as grandes exposições estatísticas, o argumento intelectual esses é que não encontram eco, porque não se dirigem nem ao coração nem à alma, embora povo nenhum do mundo seja mais bem dotado de agudeza de espírito e de finura de inteligência.

E, portanto, ao coração que precisa de falar quem pretenda milagres do povo português. E ao coração fala, como nenhum outro, esta palavra dolorosa e cristã: «socorro do inverno».

Toda ela é um apelo ao carinho, por esses pobres irmãos nossos que a miséria lança no sofrimento e na penúria, na quadra do ano em que mais necessário se torna o conforto e a abundância. Por esses irmãos nossos que tiritam de frio e choram de fome, enquanto em nossa mesa há pão de sobra, e na lareira brasa a mais. Repartir do que temos pelo que não têm, dar um pouco da nossa riqueza aos que na vida são pobres de tudo, agasalhar as carnes roxas das criancinhas sem lar nem

O Socorro do Inverno em boa hora lançado, há-de produzir os seus frutos. E Portugal há-de sentir-se mais feliz e mais orgulhoso de si mesmo, por ter sabido corresponder aos apelos de amor e de Caridade, que o Governo da Nação acaba de lhe dirigir. Não temos sobre este ponto a menor dúvida. Quem apela para o coração dum português encontra sempre pronto o coração.

Pelo nosso tradicional sentimento de desorganização, a primeira grande dificuldade que vai encontrar no seu caminho a Comissão oficial encarregada do Socorro, é o desconhecimento dos verdadeiros casos de miséria e do âmbito dessa mesma miséria. Quem repartirá? Como repartirá?

Não existe, infelizmente, em Portugal um serviço social já montado. As poucas tentativas de organização que se têm feito, estão longe ainda de corresponder à sua finalidade. Não há quem compreenda, não há sobretudo quem realize. Quando alguém aparece a querer reformar a técnica da Assistência — porque ela tem também a sua técnica — logo surgem de toda a parte as incompreensões e os entraves. Por preguiça mental, não se aprofundam os problemas; por preguiça física, apela-se para a lei do menor esforço. E o menor esforço é descarregar sobre alguém em quem possamos descarregar, aquilo que nós mesmos devemos fazer para ser bem feito.

Até hoje, as juntas de freguesia têm sido encarregadas de distribuir o socorro do Natal. Não vemos qualquer outra organização que possa encarregar-se do mesmo serviço no Socorro do Inverno.

Mas que podem fazer as juntas de freguesia, sobretudo nos grandes aglomerados? Registrar num cadastro os pedidos de socorro; pedir quando muito, um duplo testemunho da veracidade do pedido — e haverá por aí quem tenha a coragem de o negar ou o trabalho de investigar da verdade? — fazer o cálculo de quanto pode ser dado a cada um; e, depois, mandar a polícia para a entrada da porta, a regularizar a ordem nas «bichas», quando houver de se aceitar os pedidos e distribuir os donativos.

O Socorro do Inverno, mais necessário do que nunca neste quinto ano de guerra mundial, verá assim diminuídos os seus resultados, só porque falta entre nós uma organização séria da Assistência, que val levar tempo a fazer-se, mas que é preciso fazer-se para que sirva para alguma coisa de útil e de educativo.

Um outro erro, em que facilmente

te somos tentados a cair, consiste em pensar ter-se feito tudo quando se deu alguma coisa. A consciência fica tranquila, por termos acedido pressurosos ao apelo do Governo dando a nossa esmola para o Socorro do Inverno.

Que o nosso generoso donativo acorra à Comissão encarregada do Socorro do Inverno. Mas que ele seja sobretudo um despertar das nossas responsabilidades num severo exame de consciência. Se tivéssemos cumprido os deveres da Justiça, haveria agora necessidade de juntar as esmolas da caridade?

A bondade do povo português é a sua força e a sua fraqueza. Força, porque a bondade — e só ela — é criadora de energias heroicas. Fraqueza, porque, às vezes, é orgulhosa, e dispensa o concurso da inteligência e da razão.

Conservemos a bondade, mas comecemos por lhe dar como base o esforço da nossa inteligência e do nosso trabalho, para que seja equilibrada. Façamos depois — todos sem excepção: forças morais e religiosas, Estado, indústria, comércio, etc. — o nosso exame de consciência. As longas noites de inverno e a meditação da miséria alheia na frieza gelada destas noites são ambiente propício para meditar. E examinemos sobretudo um ponto essencial, isto é, se na miséria alheia não temos culpa individual ou colectiva.

Se fizermos bem feito o exame da nossa consciência, daremos muito ao Socorro do Inverno em reparação das faltas passadas. E tomaremos a decisão de não cometer mais faltas. Talvez que então o Socorro do Inverno não volte a ser a necessidade premente que é.

ABEL VARZIM